

## ENTRE A ADVERSIDADE E A SOBREVIVÊNCIA: OS FATORES DE RESILIÊNCIA PARA AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

ALEXANDRE PEREIRA DE MATTOS  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
*alexandremattos@espacounico.org*

ALEXSANDRO MARTINS DE SOUZA  
Universidade Nove de Julho  
*alex\_psicologia@terra.com.br*

AMANDA DE ARAÚJO LIMA DE OLIVEIRA  
Universidade Nove de Julho  
*amanda\_aloliveira@yahoo.com.br*

EDGARD ALVES VIEIRA  
Universidade Nove de Julho  
*edgard.alves@globo.com*

### 1. Introdução

Nas últimas duas décadas, o conceito “Resiliência” vem sendo foco de investigação na Psicologia com o intuito de se compreender como algumas pessoas saem fortalecidas diante de situações adversas ou traumáticas. Avanços nesses estudos sinalizam a importância de compreendermos os fatores de risco e de proteção a partir do relato das próprias pessoas envolvidas neste processo. Trata-se, portanto, de uma postura também política, uma vez que as vozes dos atores pesquisados têm um estatuto tão privilegiado quanto à do pesquisador.

Assim, o que são considerados como situação adversa e práticas de superação vão depender de como as pessoas definem tais termos. Diante do exposto, essa pesquisa teve como principal foco investigar como as pessoas em situação de rua explicam sua condição e quais estratégias de enfrentamento são adotadas por elas.

Tal enfoque pode lançar luz sobre como os fatores de proteção podem ser ampliados e colaborar para a desnaturalização desta condição de “estar na rua”, que muitas vezes contribuem para o preconceito e a exclusão social. Para a área acadêmica consideramos que, ao adicionarmos novas informações para os discursos científicos já existentes na Psicologia, poderemos contribuir com a visibilidade de padrões e práticas sociais desta população.

Para a presente pesquisa realizamos quatro entrevistas com pessoas em situação de rua nas vias públicas da cidade de São Paulo, embora duas destas entrevistas tenham sido inutilizadas por estarem inaudíveis e pelo fato de um dos entrevistados ter feito uso de drogas entorpecentes durante a entrevista. Com base no referencial teórico-metodológico de vertente construcionista, o foco de análise foram as práticas discursivas; a linguagem entendida como ação, constituinte de versões de realidades situadas e dialógicas.

## 2. Resiliência

Algumas pessoas, em determinados momentos na vida, passam por situações adversas, como o desemprego, separações familiares, perda de entes queridos, situações de adoecimentos, exposições a violências físicas e psíquicas, entre outras. Contudo, percebemos que algumas pessoas reagem de maneiras distintas perante tais situações. Há quem não consiga retomar o desenvolvimento após uma situação traumática ou adversa e existem pessoas que, mesmo expostas a estes tipos de agravos, conseguem sair fortalecidas. Este movimento de enfrentamento frente a acontecimentos difíceis ilustra o conceito de resiliência.

O termo resiliência originou-se da física e da engenharia, cuja definição seria, segundo o dicionário Houaiss, a propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica e a capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças (2009).

Na psicologia, este conceito vem sendo estudado há pouco mais de vinte anos e ainda passa por algumas variações e ênfases (MELILLO et al, 2005). Dentre elas, destacamos: resiliência como um conceito relacionado à adaptação, tendo como foco as variações individuais em respostas a fatores de risco; compreensão das conseqüências da exposição de pessoas a adversidades e conseqüente superação; capacidade humana de fazer frente às adversidades da vida e habilidade do indivíduo de superar as adversidades.

O estudo sobre Resiliência na Psicologia, segundo levantamento bibliográfico publicado em 2006 por Souza e Cervený (2006), vem triplicando a cada período de cinco anos. Dentre as categorias temáticas mais estudadas no período de 1999 a 2004, encontram-se pesquisas envolvendo “adultos” (41 produções), “crianças” (23 produções), “adolescentes” (29 produções), “casal/família” (12 publicações) e “conceito de resiliência” propriamente dito (28 publicações).<sup>2</sup>

Este aumento de publicações reflete o interesse dos pesquisadores em estudar tanto as origens deste “fortalecimento” e “superação” como também em problematizar este conceito que, de outra forma, poderia trazer um viés ideológico significativo.

Em outras palavras, a resiliência, se entendida como atributo pessoal ou traços de personalidade, poderia levar a uma concepção individualista, cujas explicações estariam a serviço de um processo de rotulação, uma vez que a pessoa, além de não conseguir superar suas dificuldades, poderia ser agora classificada como “não resiliente” (YUNES e SZYMANSKI, 2001, UNGAR, 2004).

Sensíveis a esta preocupação, alguns autores buscaram entender o processo de resiliência sobre um ponto de vista relacional e não como traço de personalidade. Os fatores de resiliência seriam, portanto, compreendidos como produtos de uma construção que se dá na interação social, identificáveis por meio das redes de apoio sociais mais amplas.

*O que se deduz dessas teorias é o caráter construtivo da resiliência, que não nasce com o sujeito nem é uma aquisição exclusiva de fora para dentro, mas sim um processo interativo entre a pessoa e seu meio, o qual capacita e fortalece o indivíduo para lidar positivamente com a adversidade (ASSIS et al, 2006, p 20).*

Assim, o desenvolvimento de fatores de resiliência dependerá do meio no qual a pessoa está inserida e dos recursos disponíveis para superar a diversidade que permitam ao sujeito ressignificar o evento traumático ou adverso.

Outro aspecto relevante no estudo deste conceito é o processo dinâmico que ocorre entre os chamados fatores de risco e proteção. Os fatores de risco são acontecimentos na vida que aumentam a probabilidade do sujeito apresentar problemas físicos, psicológicos e sociais. Já os fatores de proteção, ou fatores de resiliência, referem-se às influências que modificam,

melhoram ou alteram respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação. Assim, os fatores de risco e proteção estão imbricados uma vez que só podemos falar em resiliência quando há algum fator estressor em jogo (PALUDO e KOLLER, 2005).

Mas quem define o que é evento traumático ou adversidade e quem define o que são fatores de resiliência? Quais os parâmetros que nos permitem dizer que alguém é resiliente ou não?

Michel Ungar, em seu artigo intitulado “O Discurso Construcionista sobre Resiliência” (2004), considera a proposta construcionista como uma alternativa importante no avanço dos estudos sobre resiliência, uma vez que lança luz sobre os aspectos relacionais e contextuais presentes neste fenômeno e possibilita a inclusão do ponto de vista dos sujeitos pesquisados na elaboração de intervenções às pessoas que estejam vivendo em situações de risco. A resiliência precisa ser entendida como o resultado de negociações com o ambiente na busca de recursos que definam o que significa estar saudável, a despeito da adversidade.

### **3. Pessoas em Situação de Rua**

Podemos definir como pessoas em situação de rua as que pernoitam em vias e locais públicos em caráter “situacional” e não como pessoas enraizadas nesse espaço público. São pessoas que possuem direitos e deveres específicos referendados pelas instâncias governamentais. Para Seidenberg (2005), as pessoas em situação de rua são aquelas que vivem em albergues, ou sob marquises, viadutos, avenidas e outras vias públicas. Este contexto adverso expõe esses moradores a fatores de riscos sociais e comprometem sua qualidade de vida, tornando-os vulneráveis a situações de violência, humilhação, invisibilidade, criminalidade, entre outros.

A definição do termo “pessoas em situação de rua” surgiu recentemente em substituição às terminologias “moradores de rua”, “população de rua” e mendigos, que criaram estereótipos situando a pessoa que mora na rua de maneira enraizada, não possibilitando um olhar transformador dessa condição. Com isso, abre-se espaço para formulação de preconceitos, que por muitas vezes são legitimados pelo governo, quando este promove as operações de higienização das ruas, onde se faz a remoção destas pessoas para albergues ou até para outras cidades.

Este movimento de tentar esconder e confinar o que está em desajuste social, deve ser observado por uma ótica cultural. Já que a rua em nossa sociedade é um espaço público e este se destina ao lazer, trabalho, locomoção, exposição de artes, entre outras finalidades. A rua, em ultima instância, não é lugar culturalmente destinado para moradia.

Então podemos dizer que a principal definição da terminologia utilizada atualmente baseia-se no estar em “situação de rua”, como uma condição, se contrapondo às terminologias anteriores que colocavam a pessoa como “ser” morador de rua, causando uma cristalização e uma naturalização de uma situação intrínseca com a rua.

### **4. Enquadre Metodológico**

A perspectiva sócio construcionista rejeita a concepção de uma realidade já dada, passível de ser acessada. O que chamamos de real é produto das interações sociais, cultural e historicamente localizadas, cuja centralidade se dá pela linguagem. As diferentes maneiras pelas quais explicamos e damos conta do mundo, incluindo a nós mesmos, os repertórios lingüísticos empreendidos no uso da linguagem, os contextos de produção, os endereçamentos das falas (para quem ela é dirigida) e o lugar de quem fala (posicionamento) no contexto conversacional, são a chave de leitura para a análise das práticas discursivas (linguagem em ação)(SPINK e MEDRADO, 2000).

Assim, para a análise das entrevistas, entendidas aqui como práticas discursivas, utilizamos a noção de “vozes”, inspirada nos trabalhos do lingüista Mikhail Bahktin (SPINK e MEDRADO, 2000), “repertórios interpretativos” de Jonatham Potter e Margareth Wetherell (1987) e “posicionamento” de Davies e Harré (1999).

“Vozes” referem-se a interlocutores presentes ou presentificados nos diálogos. Num esforço de produzir sentidos, inúmeras vozes podem atravessar um enunciado.

Os repertórios interpretativos são o conjunto de termos, descrições, lugares comuns e figuras de linguagem que estão freqüentemente agrupados em torno de metáforas e imagens. São utilizados para construir versões das ações, eventos e outros fenômenos que estão à nossa volta.

Todo enunciado é produzido a partir de um “lugar”. Uma posição de sujeito incorpora um repertório cognitivo assim como uma localização para as pessoas dentro da estrutura de direitos de quem usa esse repertório. Num diálogo, diferentes posições de pessoas são negociadas, confirmadas ou rejeitadas.

Desta forma, compreender os sentidos produzidos numa interação conversacional, implica entender os diferentes posicionamentos nesta negociação discursiva, os diferentes repertórios utilizados para tornar inteligíveis seus pontos de vista e as vozes que são trazidas para a argumentação.

## **5. Procedimentos**

Realizamos quatro entrevistas em locais públicos e de regiões distintas da cidade de São Paulo, sendo um dos entrevistados da região norte, situado no bairro da Vila Nova Cachoeirinha, um da região oeste, no bairro da Lapa e dois da região leste, ambos do bairro do Belém.

Da proposta inicial de realizarmos quatro entrevistas, fizemos as transcrições de duas, devido às demais estarem inaudíveis, comprometendo assim a compreensão e a fidedignidade dos discursos apresentados.

Para efeitos de análise, elaboramos o que Spink e Lima (2000) denominam de mapa dialógico, ou seja, quadros que organizam as diferentes temáticas abordadas, subsidiando, assim, o processo de interpretação e visibilidade aos resultados.

Estratificamos os discursos dos entrevistados em categorias com base nas seguintes questões: 1) Como você explica e compreende sua situação atual; 2) o que você considera adversidade; 3) Quais são suas estratégias de enfrentamento; concretizando, desta forma, a primeira etapa da análise.

O mapeamento dialógico nos possibilitou identificar quais categorias (temas) os entrevistados ressaltaram com maior freqüência, as diferentes vozes presentificadas e os diferentes posicionamentos nas entrevistas.

Numa segunda etapa, procuramos articular as duas entrevistas com o intuito de ressaltar aproximações e diferenças de perspectivas.

## **6. Discussão**

### **6.1. Como explicam e compreendem sua situação atual**

Ao ser perguntado como explica sua situação atual (estar na rua), Francisco traz para o discurso a figura da família como uma das vozes. Para ele, a família é posicionada como desencadeadora de sua ida para a rua.

*Não deu certo morar com minha família aí resolvi ficar na rua. Eu estou há quatro meses aqui com eles, por que eu, tentando ajudar a família e família me colocou para fora.*

Na condição de prejudicado, ele atribui a responsabilidade deste desfecho para terceiros (família). O destino, em sua explicação transcendental, serve como apoio para explicar sua atual situação e diminuir o impacto da exclusão familiar em sua vida.

*Na vida, a gente tem traçado um destino e aquele destino vai chegar aquela hora. Chegou a hora que aconteceu comigo.*

Carlos, por sua vez, já não se atém a explicar a origem de sua atual condição de rua e desloca seu discurso para posicionar as pessoas em situação de rua e sociedade como aproveitadoras e más.

*... Eu não posso colocar com a palavra vagabundos, mas não teria outro termo para jogar... teria que ser esse mesmo.[...] Pessoas (em situação de rua) são muito má, elas só querem fazer a maldade pro próximo... trato esse pessoal como malandro, imundice.*

*... No albergue só tem **cara** que bebe 24 horas por dia... Procuo dormir longe de maloca, que **eles** tratam como maloca, onde tem **dois três dormindo** para eles é a maloca.*

O que atravessa a explicação de Carlos sobre a sua situação atual são as críticas que ele constantemente tece contra o governo, os albergues e nordestinos.

*... Por mais que eu esteja precisando, entre aspas, dessa ajuda do governo... assim em relação a comer, a tomar um banho nesses lugares que eu quase não frequento, mas de vez em quando eu vou, eu acho que o governo tinha, teria que abrir os olhos, e muito. Abrir muito os olhos e acabar com tudo isso, que não seja com tudo, mas com boa parte, com a maior parte, acabar com essas mordomias, porque o governo vem incentivando a vagabundagem e a malandragem, o roubo. O governo vem incentivando tudo isso, o uso de droga....É, mas existe albergue, existe isso, existe aquilo. É tudo, é muita fachada porque aquilo que eles mostram na televisão não é realmente aquilo que é na realidade....*

## **6.2. O que chamam de “adversidade”.**

No discurso de Francisco, adversidades estão relacionadas com a ausência dos vínculos familiares, em especial a ausência de sua mãe e dificuldades de convivência com seus parentes, que segundo ele os prejudicou.

*No caso, quando eu perdi minha mãe, eu perdi tudo....E hoje eu to na rua por que teve esse problema né, tentando ajudar os outros e os outros só me ferrando, só me lascando por trás, só me lascando.*

Outra adversidade refere-se à falta de proteção a qual ele e seus companheiros estão expostos na rua.

*Agora, se dormi só, o perigo é esse que acontece. Às vezes passa uma pessoa de maldade e coloca fogo na pessoa. Já aconteceu muito isso aqui na Cachoeirinha.*

Carlos, em sua visão crítica, se posiciona como discriminado quando, ao tentar procurar trabalho, é desqualificado por ser paulistano.

*... Aí não é uma questão nem de ser morador de rua, aí uma questão que eles não dão uma oportunidade, para uma pessoa paulistana ou paulista, por que acham que essa pessoa não é apta a fazer aquele trabalho, não agüentaria uma semana trabalhando...*

Outro aspecto adverso e que causa sensação de ser discriminado refere-se à falta de confiança nas autoridades, causada pela ausência de apoio e credibilidade por parte desta.

*... A policia gosta muito de bater, por nada, as vezes, gosta muito de bater, então eu... é gosta muito daquela coisa de abuso de poder, realmente por que eles serem da policia, vocês falam o que eles querem, você não pode abrir a boca, é só sim senhor e não senhor, você não pode debater.*

Os benefícios assistencialistas de uma parte da sociedade e de algumas instituições governamentais que buscam suprir as necessidades básicas (alimentação, alojamento, vestimenta, higiene pessoal, entre outros) são vistos por Carlos de maneira crítica e impessoal. Contudo, quando o auxílio parte de pessoas comuns, independente de serem pessoas conhecidas, esses benefícios passam a ter conotação adversa para ele.

*... por mais que ela se sinta bem em ta me ajudando, eu não vou me sentir bem sendo ajudado dessa forma, de todo dia ta ali, de todo dia ta ali, de todo dia ta ali....*

### **6.3. As estratégias de enfrentamento**

Apesar das adversidades encontradas no seu cotidiano nas ruas, Francisco aparenta ter encontrado algumas estratégias que facilitam sua vivência nas ruas. Sustentando-se em suas redes de apoio, como igrejas que o ajudam com roupas e alimentos, e as demais pessoas em situação de rua da região que atuam como companheiros, Francisco encontrou maneiras de sustentar sua sobrevivência buscando uma rede de proteção.

*... boca de rango até que eu vou de vez em quando para comer. Mas eu freqüento hoje um grupo paralelo ao Alcoólicos Anônimos [...] então muitas vezes eu vou lá só pra conversar com os companheiros, até pra passar o tempo. Pela situação que eu vivo hoje na rua eu muitas vezes vou lá porque aquela bolacha e aquele café que servem lá no horário do intervalo muitas vezes é a minha janta....*

*Aqui eu convivo aqui com as igrejas, as igrejas ajudam a gente aqui. Os irmão, a São Roque, aqui a Igreja, traz roupa pra gente, comida todo dia, [...] ai a gente vai sobrevivendo.*

*Um olha o outro por que aparece muito nóia aqui da Cachoeirinha aqui, batendo nas pessoas, botando fogo.*

Para manter sua sobrevivência, Francisco lança mão de trabalhos informais, os quais chama de ‘bicos’, que consistem na coleta de papelões e ferros que ele recolhe com a carroça, para vender aos ferros velhos e assim ganhar dinheiro para almoçar.

*É, corre-corre é assim né, a gente arranja um ferro, arranja um papelão velho, arranja dinheiro, vai no bom prato e almoça.*

Por fim, Francisco traz a figura de Deus, a quem pede para lhe trazer forças para sair da sua condição atual.

*É, agora eu não posso fazer nada, só posso me levantar, pedir a Deus para me levantar.*

Diferentemente de Francisco e como uma maneira de enfrentar situações de vulnerabilidade, Carlos procura não se envolver com os demais ou dormir em albergues, ressaltando que na rua não se pode confiar em ninguém. Contudo, afirma ter uma amiga que o ajuda na alimentação e higiene:

*... procuro estar sempre longe de todos, todos esses tipos de pessoas, eu não me envolvo, nem fico nem em rodinha conversando...*

*...eu vou lá agora nessa minha amiga pra guardar essas roupas, então eu chegando lá eu sei que com certeza eu vou almoçar, que ela não vai deixar eu sair de lá sem comer, eu vou tomar um banho, vou me barbear... Minha amiga é uma pessoa que eu posso contar [...]*

## **7. Considerações finais**

Com base no presente estudo, percebemos que, mesmo compartilhando da situação de rua, as pessoas entrevistadas constroem sentidos distintos sobre suas experiências, condizentes com suas particularidades, ou seja, elas diferem na maneira de explicar sua situação atual e de empreender estratégias de enfrentamento, uma vez que elas estão diretamente relacionadas à maneira como identificam as adversidades.

A partir dos diferentes posicionamentos dos participantes da pesquisa, podemos compreender que as diferentes visões de mundo, o lugar que a família, governo, entidades de apoio e os companheiros em igual condição ocupam em seus discursos, podem obstaculizar ou favorecer a construção de uma rede de apoio.

Contudo, não podemos ignorar a desigualdade estrutural em que vivem estas pessoas. Se os fatores de resiliência são construídos na configuração de uma rede de apoio, há que se estar atento para as ausências de políticas públicas, discriminação, preconceito que também obstaculizam a superação desta condição de estar na rua.

Entretanto, apesar dos diversos fatores de risco que a rua pode oferecer, como o desabrigo, a precariedade nas condições de higiene, o abandono de familiares, alimentação inadequada, a falta de privacidade, podemos constatar que cada entrevistado, cada um a sua maneira, utiliza de diversas formas para lidar com a adversidade, como a utilização das redes de apoio não governamentais (albergues), bocas de rango, entidades assistenciais (igrejas), convívio em grupo com demais pessoas na mesma situação e a busca por um emprego e moradia.

A partir dos levantamentos sobre o conceito de resiliência, podemos dizer que os movimentos apresentados no parágrafo acima caracterizam-se como fatores de proteção, pois agem em detrimento dos fatores de risco que o contexto da rua apresenta, tornando as adversidades elementos para a construção de melhores condições de vida. Mas podemos chamá-los de resilientes? Para Boris Cyrulnik, resiliência não é uma receita de felicidade. *É uma estratégia de luta contra a infelicidade, que permite conseguir o prazer de viver, apesar do murmurar dos fantasmas no fundo da sua memória* (2005, p.6).

Podemos dizer que cada ato de sobrevivência em meio ao contexto no qual essas pessoas vivem já se configura como um movimento resiliente em relação à vida.

## 8. Referências Bibliográficas.

- ASSIS, S.; PESCE, R.; AVANCI, J. *Resiliência: Enfatizando a proteção de adolescentes*, Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CYRULNIK, Boris. *O Murmúrio dos Fantasmas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DAVIES, B.; HARRÉ, R. Positioning and Personhood. In *Positioning Theory*, Malden: Blackwell Publishers Ltd, 1999.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MELILLO, A.; ESTAMATTI, M.; CUESTAS, A. Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência. In *Resiliência, descobrindo as próprias fortalezas*, Porto Alegre: Artmed, 2005.
- PALUDO, S.; KOLLER, S. Resiliência na rua: Um estudo de caso. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v.2, n.21, p. 187-195, mai./ago. 2005.
- POTTER, J.; WETHERELL, M. *Discourse and Social Psychology: beyond attitudes and behaviour*. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1987.
- SEIDENBERG, M. A rua como palco de transformação. *Rede social de justiça e direitos humanos*. 2005. Disponível em: <[www.social.org.br/relatorio2005/relatorio023.htm](http://www.social.org.br/relatorio2005/relatorio023.htm)>. Acesso em: 16 abr. 2008.
- SOUZA, M.; Cervený, C. Resiliência Psicológica Revisão da literatura e Análise da Produção Científica, *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology*, v. 40, n. 1, p.119-126, 2006.
- SPINK, M.; LIMA, H. Rigor e Visibilidade: A explicação dos passos da Interpretação. In: SPINK, M. (Org). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez; 2000.
- SPINK, M.; MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: Uma abordagem teórico metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. (Org). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2000.
- UNGAR, M. *A constructionist Discourse on Resilience: Multiple Contexts, Multiple Realities among At-risk Children and Youth*. *Youth and Society*, v. 35, n. 3, p. 341-365, March 2004.
- YUNES, M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (Org). *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez, 2001.